



Outubro de 2012
Ano III - Número XIX
Caderno II

IN MEMORIAM



Maria Ivone Vairinho

É com profundo respeito e muita saudade que a Revista eisFluências comunica o falecimento da Escritora e Poetisa, Maria Ivone Vairinho, ocorrido no passado dia 7 de Setembro de 2012.

Escritora e poetisa, declamadora brilhante, professora da Arte de Dizer, Maria Ivone Vairinho dedicou grande parte da sua vida à Literatura e à Poesia, como Presidente da Associação Portuguesa de Poetas, cargo que exerceu por longos anos, com grande dignidade, competência, dedicação e brilhantismo, numa entrega desmedida e altamente engrandecedora do panorama poético português.

Por seus indiscutíveis méritos, recebeu em 14 de Maio de 2011 a subida distinção de Associada Honorária desta Associação (APP).



Fachada da Igreja de
Santa Maria (Covilhã)

Maria Ivone de Jesus Pinto Manteigueiro Vairinho nasceu na cidade da Covilhã.

Foi aluna da Escola Industrial e Comercial Campos Melo. Completou os cursos de "Formação Geral do Comércio" e "Complementar do Comércio". Foi a melhor finalista dos cursos e a aluna mais distinta da Escola.

Completou os cursos do Instituto Britânico e Alliance Française. É diplomada pela Escola Pitteá em estenografia portuguesa, francesa e inglesa. Já Secretária do Conselho de Administração da PETROGAL, frequentou o Curso de International Executive Secretary, ministrado pelo Management Centre Europe.



O Mundo Poético Português está de luto pela grande impulsionadora da Palavra que nos deixa grande pesar e profunda saudade.

Foi grande a perda, mas a sua lembrança perdurará, em Portugal e além-fronteiras, através da sua poesia e no coração dos poetas que sempre promoveu, dignificou e acarinhou. Foi também prezada Conselheira de Redacção da revista **eisFluências**, desde o seu início, posição que abandonou, já por problemas de saúde.

POEMAS DE MARIA IVONE VAIRINHO

SER POETA

Ser poeta
É bênção
É maldição.

Num desassossego
De inquietação
Na carne sofrer
Dos outros a dor
A alma desnudar
Sem falso pudor.

Num só verso
Condensar o Universo.

Em cada madrugada
De corpo despido
Abertas as veias
Deixar jorrar
A dor sublimada.

Para ser feliz
Precisar de nada.

Maria Ivone Vairinho
(in "*Livro da Dor e da Esperança*")

A MATANÇA DOS INOCENTES

morre uma criança
a cada três segundos
não choram anjos,
não se ouvem trombetas
em toques de alarme

um minuto para chorar
sem humanidade
sem solidariedade
vinte deixam de respirar

mil e duzentas
numa hora
e ninguém anunciou
a boa nova
da ressurreição

o mundo continuou
a girar
indiferente
no seu movimento
de rotação
vinte e oito mil e
oitocentos
cordeiros inocentes
foram imolados
e o Deus de Abraão
não levantou a mão
para impedir o sacrifício
e temos que louvar
o livre arbítrio

Herodes voltou
de petróleo encharcado
searas devorou
fontes secou
com seu hálito de fogo
fez chover balas
armas químicas
bombas, mísseis
trezentas e sessenta
e cinco vezes
em guerras se multiplicou

um átomo, um nada
no movimento da Terra
no espaço sideral
mas arrancou
dos seios vazios
de mães sem esperança
dez milhões e meio
de crianças

Natal, tempo
para "ser bom"
cantar o amor, a alegria
a paz
entre os homens de boa vontade

se a cabeça enterrasse
no vil pó do barro
de que sou feita
fosse cega, surda e muda
não veria, ouviria
os milhares de gritos de pavor
que saem de todos os cantos da terra
dos cordeiros imolados
rio, mar de dor
alastrando em todos os continentes

enquanto uma criança sofrer
de desamor sem igual
e de fome morrer
não me falem em NATAL!

Maria Ivone Vairinho

ABRAÇA-ME APENAS (*Para meu Marido*)

Abraça-me apenas
Com toda a ternura
Que teus braços sejam
Cadeia segura.
Deixa que assim
Deste meu jeito
A minha cabeça
Repouse no teu peito.
Aqui estou protegida
Deixemos lá fora a vida
Com seus ódios e rancor.
Tudo é paz, serenidade
Águas mansas, tranquilidade
Abraça-me apenas, meu amor.

Maria Ivone Vairinho

A TUA-MINHA CASA

De rosas era teu dia
o pessegueiro floria
os pássaros em revoada
vinham pousar no beiral

quando o sol iluminava
a roseira, o quintal.

Hoje, a tua-minha casa
nada tem de ti vazia
é roseira ressequida
raiz na rocha implantada
só pelo vento batida.

Saudade por não te ter
saudade por não te ver
só trazem águas salgadas
nos rios que correm nos montes
e brotam nas minhas fontes

Maria Ivone Vairinho

PAI

Estava azul o firmamento
A flores o ar rescendia
Não senti passar o tempo
Nesta paz que me envolvia.

Recebi um beijo teu
Foi-me trazido p'lo vento
Sorrreste só um momento
E o mármore frio aqueceu.

Da minha vida o rosário
As contas fui desfiando
Derrotas, pequenas glórias
Uma a uma fui contando.

Sem dor e sem amargura
Só com saudade-ternura
Por não te ter a meu lado
Não teres acompanhado

A vida que em mim nasceu
Uma rosa pequenina
Dos meus olhos a menina
Como fui dos olhos teus.

Uma saudade-pungente
Quando só no meio da gente
Precisava dos teus braços
Para aliviar o cansaço

De contra a maré remar
Lutar e não me afundar
Não dar ouvidos à dor
Vencer cada Bojador.

Sem tábuas de salvação
Sem barco, usei as mãos
Nadei, nadei sem parar
Até meu porto alcançar
Na terra onde nasci
Meu tronco, minha raiz.

Assim foi que me ensinaste
Mas quando exausta fiquei
Ontem, hoje, perguntei:
“Pai, por que me abandonaste?”

Maria Ivone Vairinho

HORTO DAS OLIVEIRAS

-Como foi Job eu não sou
Nem tenho a fé de Abraão
Náufrago que em mar vogou
Sem tábuas de salvação.
Não grito não esbravejo
Nem costume me queixar
Mas tenho dentro do peito
Lágrimas mil por chorar.
Pela angústia dominada
Neste futuro adiado
Há medo que me tortura
E não desejo mais nada:
Que de mim seja afastado
O cálice da amargura.

Maria Ivone Vairinho

SERRA DA ESTRELA

Meu corpo foi talhado em granito
Meus pés plantados em ribeiros
Que me banham o corpo inteiro.
Nos olhos tenho espaço infinito
Que rasga a linha do horizonte
Que se perde no mar, nos montes.
No meu véu branco de esponsais
Brotam zimbro, mimosas, tojais.
No verde selvagem dos pinheirais
Meu manto de rainha foi tecido
Com urzes e rosmarinho entretecido.
Meu vestido verde bordado
Com rubra barra de papoilas
Espigas doiradas
De trigo e cevada
Desce pelas encostas escarpadas.
No ventre fecundo
Guardo mananciais
De lava ardente e minerais
Que mostram seu esplendor
Nos picos das Penhas Douradas
Quando o sol enamorado
Em manhãs de ouro matizadas
Crepúsculos avermelhados
Me confessa o seu amor.
Prendem-se minhas mãos nas fráguas
Delas jorram cristalinas águas.
Águas de lava arrefecida
Fontes de saúde e vida
Irrompendo em borbotões
Tecendo rendas delicadas
P'las quebradas dos Covões.
Derretem neves do Inverno
E loucas vão mergulhar
No Poço que é do Inferno.
A água das neves, gelada
É de novo transformada
Pela lava incandescente
Rasga a terra com fragor
Entre nuvens de vapor
Nas termas e nas nascentes.
Sou feita de neve e de granito
Nos olhos tenho espaço infinito
Do verde selvagem dos pinheirais
No ventre fecundo mananciais
De lava ardente e geladas águas
Que jorram cantando pelas fráguas.

Maria Ivone Vairinho

ROSA, CARDO, ROSMANINHO
(*minha filha*)

Um homem, uma mulher
Pelo céu foram ungidos
No momento do querer
Almas e corpos unidos.
A semente germinou
Violeta, malmequer
Flor que abriu, desabrochou
Com perfume de mulher.
Água pura da nascente
Chuva forte e também mansa
Mar de fogo em sol poente
Arco-íris da esperança.
Brasa quente da lareira
Brisa que refresca o rosto
Sol que vem bailar na eira
Lua branca em céu de Agosto.
Rouxinol em melodia
Trinando no meu telhado
Pomba, águia, cotovia,
Gaivota no voo planado.
Raízes fundas no chão
É formiga a labutar
Cigarra numa canção
Se tem asas para voar.
Rosa, cardo, rosmarinho
Tão singela no seu jeito
Poema de amor e carinho
De todos o mais perfeito.

Maria Ivone Vairinho

Teoria da Relatividade

Em teoria
Em abstracto
Difícil de entender
Na prática
Quando vivida
Fácil de perceber.

Quando o segundo é dor
Dura uma eternidade
A hora é um segundo
Quando é felicidade.

Maria Ivone Vairinho

Meu Canto de Cisne

Quando a Morte me tocou
Meu grito de dor
Em canto se mudou.

O cisne que em mim dormia
Sentindo a vida fugir
Com o bico rasgou-me o peito
E começou a cantar
No verso de um poema.

Maria Ivone Vairinho
(*Livro da Dor e da Esperança*)

Angústia

Medo irracional do vazio
Que nos gela, nos faz frio
Nos seca a boca
E deixa a cabeça oca.

Medo do que não sabemos
Do muito que nós tememos.

Quando a angústia
Visitar me vem
Eu fico enovelada
Na posição fetal
Como se regressada
Ao ventre de minha Mãe
Eu ficasse intocada
Nada me fizesse mal.

Maria Ivone Vairinho

Solidão

A solidão maior
A que fere, a pior
É estar ao lado de alguém
Não significar nada
E, estando acompanhada,
Afinal não ter ninguém.

Maria Ivone Vairinho
(*Livro da Dor e da Esperança*)

CURRÍCULO LITERÁRIO:

Desde muito nova (15 anos) começou a escrever contos, peças de teatro, autos de Natal e poemas, que foram publicados em diversos jornais e revistas, tendo ganho quatro primeiros prémios em contos (Kemba, a Gazela; Folhas Soltas do meu Diário, Conto de Natal e Carta de Amor para Minha Mãe) e uma menção honrosa em Poesia Lírica no I Concurso Literário da SACOR..

Traduziu muitos livros de Espanhol, Francês e Inglês (entre eles a série Dallas da Televisão e Robinson Crusoe).

Obras publicadas:

ROMANCES

Linhas Trocadas, Amor Cigano (1ª e 2ª Edição), Humilhação de Amor, Uma Mulher Moderna (esgotados).

POESIA

Livro da Dor e da Esperança (VEGA - Outubro de 1999 - com prefácio de António Alçada Baptista).

Foi colaboradora da "Crónica Feminina", nos seus anos de ouro, desde 1957 a 1982.

Também foi colaboradora do jornal "Poetas & Trovadores" e participou em 8 Antologias da ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE POETAS. Tem muitos poemas publicados no Notícias da Covilhã, Cyberletter, revista da APAE-Campos Melo e Boletim da Associação Portuguesa de Poetas.

A sua Bio-Bibliografia foi incluída no livro de José Mendes dos Santos "Escritores do Concelho da Covilhã" (página 196- edição de 1997); na Revista Cultural Florinda, edição da Câmara Municipal da Covilhã, no número dedicado aos Poetas do Concelho, foram publicados quatro poemas de sua autoria.

O seu curriculum, mais alargado, foi incluído na rubrica "Artistas da nossa Terra", de Manuel Vaz Correia, que ao longo de dois anos foi publicada semanalmente no jornal "Notícias da Covilhã" e deu depois origem ao livro com o mesmo título, edição da Câmara Municipal da Covilhã, em 1998.

O MENINO QUE LIA OLHOS

por Luiz Gilberto de Barros Luiz Poeta

- Você pode parar de piscar, por favor ?
- Como ?
- Estou lendo seus olhos.
- Lendo meus olhos ? Espantou-se.
- Só um instantinho... há uma frase que diz que você está triste.
- Triste ? Eu ? ...como sabe ?
- Pelo brilho.
- Brilho ?
- Sim, um brilho úmido.
- Úmido ?
- É. Você estava querendo chorar.
- Ora, seu... como é seu nome ?
- Não importa. Sou apenas um menino.
- Quantos anos você tem, menino ?
- Dez. Vou fazer onze amanhã.
- Você é muito novo.
- E o seu nome ? Como é ?
- Ué... você não sabe ler olhos ? ...deveria saber o meu nome.
- ...não cheguei a esse estágio ainda. É todo um processo visual, mas eu sou meio míope.
- Ora, mas você vê os olhos de perto. O míope não enxerga é de longe.
- É verdade, mas mesmo assim, não enxergo muito bem também de perto.
- Pois devia enxergar. Como descobriu que estou triste ?
- É uma história muito longa. Mas... como é o seu nome ?
- Marta.
- Puxa, quase que eu acerto ?
- Como ?
- Até que eu tinha visto o M, mas acho que você foi esperta e não quis pensar com os olhos. Ficou meio embaçado. Eu ia até arriscar Maria. Acho que você piscou quando eu ia ler o resto.
- Você é muito espertinho. Como soube que eu ia chorar ?
- Tá vendo ? Você ia chorar. Eu acertei.
- Você é muito esperto mesmo. Mas não me respondeu. Como soube que eu ia chorar ?
- É fácil. Na verdade o livro engloba também os lábios.
- Que livro ?
- O livro da vida reflete-se nos olhos.
- Então...
- Então ele estava aberto no capítulo da página do choro.
- Está ficando interessante a nossa conversa. E o que os lábios têm a ver com isso ?
- É que quando você vai chorar, os lábios fazem a diferença porque você aprisiona o sorriso e a lágrima é comprimida. É como se você espremesse uma toalha molhada e as gotas caíssem.
- Interessante...mas porque você resolveu ler logo os meus olhos, com tanta gente nesta lanchonete ?
- Ué, porque você olhou para mim.
- E... quem ensinou isto para você? Foi sua mãe, seu pai...ou alguma cigana dessas que andam por aí ?
- Ninguém me ensinou. Eu sou autodidata.
- Além do mais, você tem um bom vocabulário.
- É... eu leio muito.
- Eu sabia.
- Mas, voltando ao assunto: Vai me dizer que você não ia chorar ?
- Claro, isto é... bem...
- Tá vendo ? Você ia chorar.
- Está bem, ia. E daí ?
- Nada. Acho bom eu parar a leitura. Viu ? Agora você vai sorrir.
- Você está me sugestionando.
- Não disse ? Você sorriu !
- Já sei pensou ele deve querer algum dinheiro. Afinal, chegou aqui do nada e puxou assunto.
- Espere aí um pouquinho.
- Marta virou-se para a bolsa, revirou-a, pegou a carteira, examinou as cédulas, retirou dela dois reais e...
- Ué ? Cadê o garoto ?
- Olhou cuidadosamente em volta e não viu mais o menino.
- Que coisa...
- Dentro dos seus olhos, a toalha secava ao sol de um novo dia e não havia lágrimas para serem espremidas.
- Ela agora sorria inefável e nebulosamente para o espelho dos olhos de um menino sem nome... e sem endereço.

(Às 19 h e 30 min do dia 14 de agosto de 2012 - Marechal Hermes Rio de Janeiro)

Luiz Gilberto de Barros LuizPoeta

www.luizpoeta.com

O POETA MALUNGO por Clóvis Campêlo

MALUNGO POR ELE MESMO



Meu nome é José Carlos Farias da Silva. Meu pseudônimo é Malungo. Sou recifense, escrevo desde 1985. Sou membro da UBE, POEBRAS e ALAP. Publiquei o livro "O terceiro olho usa lente de contato" (edições independentes 2000/2001/2003) e o livreto "Filé. 1,99" em parceria com Bruno Candéas. Obtive o 1º lugar no Concurso de Poesia de Jardim Atlântico (Olinda 1996). 1º lugar no Concurso de Poesia da Biblioteca Popular de Afogados (Pref. do Recife 2000). Participei das coletâneas: "Marginal Recife I" (Pref. do Recife 2002) e "Pernambuco, terra da poesia" (Instituto Maximiano Campos 2005). Tive o meu trabalho citado por Marcelino Freire na revista "Continente Multicultural" nº. 6 (Junho 2001). Participei dos Projetos "Poesia na praça" (Pref. do Recife 2001) e "Bendita Poesia" (Fundação José Augusto RN 2006) Tive o meu trabalho divulgado em TV e em 3 jornais da capital: Diário de Natal, Tribuna do Norte, Correio da Tarde (05/10/2006). Participei do Recital com a Orquestra Sinfônica do Recife (2001). Tive o poema "Cortinas da tarde" publicado na revista "Encontro" nº. 18 (2002) de circulação internacional. Participei com vários poemas em fanzines de outros estados: Boca suja (SP), Panorama da Palavra (RJ), A Goiaba (RJ), Escrevo o que quero (RS), O Capital (SE) etc. Participo ativamente de recitais do Recife, Olinda e Paulista. Sou parceiro do músico e intérprete recifense Puan. Fiz parte do Projeto de vídeo "Baranga films" com o webdesigner Leonardo Chaves. Edito o fanzine "De cara com a poesia" com 9 anos de circulação divulgando poesia de qualidade pelo Brasil.

CARROCEIRO TRANSCENDENTAL

Malungo

Lá em Peixinhos
a arte mora na favela

as bandas, o lixo no Beberibe
é o groove suburbano

goiamuns plugados
se esbarram nas vielas

todas as orelhas do mundo
viradas pra Recife

só aqui não se ouve
o novo som pernambucano

a luz do Sol se reflete
nas águas sujas do rio
nos zínco do barracões

urubus dão rasantes
nas montanhas de lixo

nas carroças ferro velho,
tralhas e papelões

carne de rato, pés sujos
nos telhados da consciência

mocambos, almas encardidas
e balas perdidas sem clemência

geladeiras incandescentes
iluminam a tua cozinha

paredes transparentes
revelam as terceiras intenções

coloque o plugue e peça linha
viaje chutado, num burro sem rabo
rumo a outras dimensões

*Do Livro: O Terceiro Olho Usa
Lente de Contato (2000)*

DNA*

Malungo

Ligo o radinho de pilha
e surgem figuras
no meio da sala

elas pulam e dançam
se misturando
pra formar um verso

um batuque azougado
e eu na África

caçando palavras
com uma lança

e um pensamento
pendurado
no inconsciente coletivo

Do Livro Inédito: Digitais

**poema escolhido em 1º lugar
no 5º Concurso de Poesia
Rogério Salgado (MG- 2009)*

NOVO MILÊNIO

Malungo

Pessoas de silicone
próteses de sentimentos
artificialidades

consumistas vazios
balaços de ninguém

200 mil minutos de bônus
pra conversar com a solidão

violência, desordem
mergulhos do último andar

pessoas comendo lixo
dormindo em ruas invisíveis

jogadas normalmente
pelas calçadas do futuro

políticos revolucionários
querendo mudar o mundo
e a conta bancária

oceanos de lixo
estranhos dialetos
sexo virtual

o medo do outro
e da vida real

Do Livro Inédito: Digitais

TEMPO ÁCIDO*

Malungo

No bairro dos Coelhos
becos e vielas
trafegam dentro de mim

e me embrenho
pela rua da Glória:

meio torto, meio saudoso
daquilo que nunca vivi

a CILPE em frangalhos
escombros, ruínas

ferros retorcidos,
desemprego
e o leite derramado
escorrendo pelo Capibaribe

nas margens do rio
palafitas à margem de tudo

as lágrimas azuis das crianças
enferrujando
a velha ponte de ferro

Do Livro Inédito: Digitais

**poema escolhido em 1º lugar
no 1º Concurso de Poesia
do SINTEPE (Recife-2008)*

FAZENDO DO ALIMENTO O SEU REMÉDIO

por Clóvis Campêlo

Do meu amigo de longas datas José de Arimateia, que hoje mora na cidade de Atibaia, em São Paulo, recebo um e-mail interessante. Nele, o cirurgião americano Caldwell Esselstyn, 77 anos, fala sobre a dieta que aplica nos seus pacientes cardiopatas e que não só evita e detém as doenças cardíacas, como também as reverte.

A alimentação por ele proposta se baseia no uso exclusivo de folhas, frutas, legumes e grãos integrais, deixando definitivamente de lado as carnes (vermelhas ou brancas), o leite e seus derivados, as massas e os cereais refinados e açúcar. O método alimentar, aperfeiçoado nos últimos 30 anos, propõe que garfos e facas substituam os bisturis nas nossas vidas.

O método do médico americano foi tema do documentário Forks over knives (Garfos em vez de bisturis), lançado nos States e ainda inédito no Brasil. O filme conta a história exitosa dos pacientes de Esselstyn tratados pelo método na Cleveland Clinic, de Ohio, e que superaram suas cardiopatias e evitaram cirurgias de alto risco ao adotar a dieta.

Em entrevista por telefone ao jornal Folha de São Paulo, o cirurgião afirma o seguinte: “Se você come a dieta típica ocidental, cheia de carne, óleo e laticínios, você vai ver que, entre mil pessoas, algumas terão infarto aos 40 anos, outras aos 50, outras aos 60, 70 ou 80. Você pode dizer que, geneticamente, quem tem infarto só aos 80 é mais forte para resistir a essa dieta extrema. Por outro lado, se todo mundo come uma dieta baseada em vegetais, todos são poupados”.

Segundo dr. Esselstyn, toda vez que comemos azeite, óleo, leite manteiga, queijo, sorvete iogurte e carne, machucamos o endotélio, delicado revestimento das artérias que produz uma molécula chamada óxido nítrico, que é vaso dilatadora e protege as paredes dos vasos sanguíneos.

No seu método curativo, o médico coloca sob suspeita até mesmo o uso do azeite de oliva na alimentação diária: “Quando você estuda o efeito do azeite de oliva com um teste de ultrassom da artéria braquial, no braço, que mede os danos ao endotélio, vemos que o óleo machuca os vasos”.

Afirma ainda: “A medicina tem evoluído no sentido de criar uma lista cara de remédios e de procedimentos perigosos, como a colocação de stents e pontes de safena. Com o tempo, é preciso colocar outro stent, fazer outra ponte, tomar mais remédios, e, no fim, a pessoa morre do coração assim mesmo. Os médicos, não sei o porquê, passaram a acreditar que as pessoas não são capazes de mudar seu estilo de vida. A revolução da saúde nunca vai acontecer por causa da descoberta de um remédio. A revolução vai acontecer quando as pessoas estiverem informadas do ponto de vista nutricional, para evitar as comidas que vão fazê-las perecer por uma doença”.

E encerra a sua entrevista com uma crítica pertinente: “O Brasil está destruindo a atmosfera e o mundo ao queimar as florestas que são ótimas para capturar o CO₂. Por quê? Para produzir carne, que vai fazer as pessoas morrerem cedo e ter vidas miseráveis e infelizes. Se toda essa área for substituída por vegetais, é possível produzir muito mais. Vamos comer plantas, é para isso que fomos criados”.

Tive o trabalho de encaminhar esse material para as mais de 300 pessoas que compõem a minha lista de relacionamento e apenas três dessas pessoas (menos de 1%) se sensibilizaram ao apêlo.

Enfático, o meu amigo Alberto Felix, que mora em Osasco, assim respondeu: “Que merda! Nós vamos comer casca de pau e folha de mato e ser feliz? Uma porra! Eu quero churrasco, picanha, churrasco e mão de vaca (sem esquecer uma boa feijoada). Os naturebas podem ir para o partido de Marina e Sting!”

O músico e poeta Wagner Ortiz foi mais ponderado nas suas colocações: “Gostei, Clóvis. Venho tentando mudar minha alimentação nas últimas décadas, preferindo saladas, frutas, produtos orgânicos e integrais, mas é difícil deixar aquele bifinho suculento. É a cultura adquirida, nós aprendemos isso. Agora, temos que aprender a comer somente verduras!”

Ubiratan Souza, músico e compositor maranhense, mesmo não respondendo diretamente, teve o cuidado de repassá-lo para a sua lista de contatos.

Clóvis Campêlo
Recife/BR
<http://geleigeneral.blogspot.pt/>



POESIA DE MARIA CRISTINA GARAY ANDRADE (Correspondente da Revista eisFluências na Argentina)

ERES TODO PARA MÍ

Frente a un mar de demandas con incertidumbre
Dejé partir al amor cobijado de mansedumbre
Bebiendo el amargo sabor del adiós por la lejanía
Calmé la sed del grito con esforzada valentía

Temblosa mi voz se declaraba tu amante
Sentí la resonancia de tu expresión anhelante
Y en plétora audaz de ansiosa entrega
La flemática mañana desértica la navega

Sedosas caricias del satén entibiando
Abraza los cuerpos fundidos desposando
Un preludio en nido el amor arropando
Se convirtió en cofre de pieles dormitando

Inmóvil y reposada murmurando dichosa
Un sueño eterno a tu lado vivo silenciosa
El enigmático tiempo encantado lo asumí
En el celestial mundo donde eres todo para mí

©María Cristina Garay Andrade©
Monte Grande Buenos Aires Argentina
<http://mariacristinadesdemissilencios.blogspot.pt/>

PALABRAS DE AMOR

Mientras te pienso voy el sueño conciliando
Tus palabras de amor se van multiplicando
El susurro adormecido de tu voz me acompaña
La noche cálida y serena nostálgica te extraña

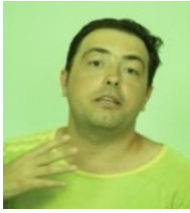
Resulta enorme el espacio que me acuna
Las sabanas blancas son espejo de la luna
Persigo cobijarme en el perfil de tu figura
Cerrando los ojos buscando contigo una aventura

Me niego a renunciar a tantos intentos vanos
Se aquietan vacías mis cansadas manos
El tiempo atesora aletargado presentes
Cubriéndome de crepúsculos que siento latentes

Frecuencia que sigue vibrando dominante
Como dejar de sentir haber sido tu amante
Si en sueños o despierta el efecto de tus brazos
Con tus palabras de amor percibo por lo bajo

©María Cristina Garay Andrade©
Monte Grande Buenos Aires Argentina
<http://mariacristinadesdemissilencios.blogspot.pt/>

POESIA DE LEPOTA COSMO (L. L. Cosmo)
Do ciclo “Cânticos azuis”
(Enviada pelo autor expressamente à Revista eisFluências)



Auto-biografia do autor “Nasceu em 17 Agosto. Eslavos meia origem tcheca, vivendo no Brasil, Rio de Janeiro. Seus poemas foram traduzidos para o espanhol, romeno, italiano e grego. Ele publicou um livro de poesia “Poemas” e “Cânticos azuis”. Ele está ativamente traduzir e escrever poesia. Seu estilo lírico é postneomodernismo. Os temas principais são a natureza, o amor, a música, o vento, o mar.

O “Cânticos azuis” discute a beleza da lua e do sol, da lua e do entusiasmo da beleza feminina, luz em comparação com as meninas sensualidade, autênticos motivos de frutas brasileiras, formas refina Strambotto, usando uma variedade de relaxar metáfora. Metáforas surgem e são equiparados com naturalidade e otimismo. Direta e transposta, no jogo de luz e paz. Cor, música e amor são iguais. Cosmo é um poeta de vários tons de luz e impressões, percepção carnal, percepção da natureza e lírico, água ambiente, litoral, mar, imagens de céu azul nos rios do fevereiro, fragrância do vento e dia, no entanto manter o imperativo escrita lírica.”

Canção do lobeira

Lepota L. Cosmo

Com brasas que eu varre
O teu casco macio
Com fogo do mar
Perdido ou são
insignificantes as palavras
Axilas de meninas
Com urtigas que eu enxugue
Manhãs da tua pele
Que eu acorde na fonte
Ou com seda eu te lave
Na noite eu te beije
Na lua do chumbo
Pintada com faca de água
Os risos entre vespas
Janela na parede
Ventos perfurados
Ventos por tua causa
Amor sem dar um grito
Telas amorosas

Quarteto do licuri

Lepota L. Cosmo

A deusa fiel do verso engraçado
Prata joga no teu olho
Cana de relógios afundados
Cana de alvoroço verde
Pato-bravo de enxertos de esmeralda
Fonte de mares invertidos
Menina da campos adolescentes
A dança das harmonias vermelhas
Da costa de tons azuis
Canta o teu casco macio
O amor é um bálsamo leve
E o teu olho uma clareza azul-corvo.

Quarteto do mangaba

Lepota L. Cosmo

Derrubam berlindes do teu pleno salto
É porque bebes sorrisos nos traços de robustez
Balanços de cerejas no sopé do teu ouvido
Universos dos revólveres infantis invertidos
Dentro de ti está agonia de clareza mais amorosa
Dentro de ti estão presas púrpuras de ouvido
Com lábios estabeleces manhãs de menina
Círculos, de águas de prata desnudadas

América

Lepota L. Cosmo

Dança branca lua bela!
Dança quente lua sonolenta!
Num vestido de linho
Com enfeites de flores
Dos ombros e maçãs
Tangerina de triste poder
Dança bela lua do mundo
Dança noite perita macia
Quando ela ama com ardor
Quando age loucamente,
Quando espera
Com canções lúdicas
Entre rebanho e rios
Qual paixão, qual alegria
Nas festas de noivado
Qual entusiasmo, qual canção
Quando dança América
Quando fala, quando olha
Com sorrisos infinitos
Menina de verão ardente
Ociosa e apaixonada
América o caminho das liberdades
De margaridas e canela
Impaciente dentre do mundo
Natural e aberta
Esbelta como luz das velas
Sem entaves tez de coxas
América América
Menina de verão eterno
América insaciada
Com flores indianas
Dançou em círculo da costa
Procurou o olho do vento
Com chuva de jaguar
E os cabelos de cetim
Com pele lisa de tua balsa
E cintos de cânhamo
Com sinos de jade amarelo
Beijaram todos os sorrisos
E o condor sem beiras
O puma de prata e de ouro
Morena de estrelado e de dente-de-leão
Violeta de noite ardente
Escondida atrás do brilho
Na maravilha do teu estrondo
Nas trevas sem beiras
O rio completo e liso
Com a vale das montanhas
A palavra sublime dos Incas
Cachoeiras do teu espírito
A pátria de peixes proporcionados
Dia de florestas tropicais dançava
América América
Nas barracas e canções
De alvoradas e cidades
De belezas e beiras
De basaltos e laranjas
De âmber e vagões
América América
Com a luz do olho claro
A azálea do dia zeloso
Com dom de campos novos
América América!
América Apaixonada.

VIDA DE SANTO por Marcelo Sguassábia

Engana-se quem pensa que vida de santo é um infinito doce far niente. Nem ao mais preguiçoso deles é dada a graça de ficar chupando chicabon eternidade afora. E aquele estereótipo de se recostar em nuvens, entre cânticos e cítaras, é mais coisa de anjo que de santo e anjo de quadro barroco, idealizado e fora de contexto histórico.

Santo passa maus bocados, verdade seja dita. E nem por isso os devotos lhes tratam com o devido respeito, o respeito que o santo, justamente por ser santo, exige.

Por exemplo, esse estranho hábito terráqueo de entornar no mínimo 10% da cachaça no chão da venda, dizendo que é pro santo. Posso dizer com certeza que todos eles abrem mão da homenagem e passam muito bem sem ela. Se gostasse mesmo de água que passarinho não bebe, santo não seria santo. Muito pelo contrário.

Depois, tem outra: manda a Justiça Divina que, toda vez que se oferece algo pro santo, e não se especifica pra qual santo é o presente, a oferta seja repartida por todos indistintamente. Vai daí que cada gole oferecido é dividido, em partes iguais, para a santosfera inteira. Sabendo-se que os santos são atualmente milhares, a cada um cabe geralmente uma gotinha de nada e não é isso que vai desviar a santaiada do bom caminho. Até aí, nada de mais. Mas acontece que se a gente levar em conta que cada pingüço manda pra goela pelo menos uns três copos da marvada, e que só no Brasil temos milhões de alcoólatras, o estrago divino é grande, provocando em vários deles interações frequentes quando não diárias. E as mais prejudicadas são as santas, que com um tiquinho de martini já estão trançando as pernas.

Outro problema sério é as imagens dos santos tanto as pintadas quanto as esculpidas. Tem santo lá em cima que excomunga sem dó alguns dos displicentes artistas terrenos, pela falta de semelhança deles com as imagens que os representam. Esse tipo de episódio produz verdadeiras catástrofes estéticas. Outro dia mesmo toda a corte celeste saiu em passeata, com cartazes, faixas e gritos de guerra, protestando contra um lote de 250 estátuas de Santa Edwiges que saiu de fábrica com cara de Rita Cadilac. Um repulsivo sacrilégio, que merece punição exemplar. Para evitar novos contratemplos, São Tomé propôs em assembleia a instituição do selo “Ver para Crer”, que certifica a imagem beatificamente reconhecida, ou seja, aquela que tem a benção do respectivo santo e que guarda nítida semelhança com a sua figura dos tempos de carne e osso.

Além desse tipo de desrespeito, há também injustiças que agridem e irritam a turma de auréola. A maldosa e irônica expressão “Na descida todo santo ajuda” vem merecendo, de uns tempos para cá, um revide da parte dos ofendidos. Julgam eles que a frase denota uma certa acomodação, dando a entender que os santos têm braço curto e que não se empenham nas tarefas mais difíceis, onde só um milagre pode resolver a parada. “Não vamos ajudar mais na descida, ainda que o carro do sujeito esteja sem freio. Pois que se espafitem, aprendam a lição e vão para o inferno” desabafa um conhecido santo, que não quis se identificar.

Marcelo Pirajá Sguassábia

www.consoantesreticentes.blogspot.com



Crônicas de Nuno Rebocho (Correspondente da eisFluências em Cabo Verde)

REBOCHO - EL PREDADOR

Radicado em definitivo em Cabo Verde, Rebocho vem escrevendo estórias passadas no ambiente da Cidade Velha. Algumas andam já aí, de mão em mão, e o autor disponibilizou-se a, de quando em vez, ceder algumas para publicação. Pensa, mais por diante, quando já um bom lote estiver reunido, concentrá-las num livro: “são estórias, por vezes quase tipo de crônica, que têm como ponto de partida alguns factos reais, que aconteceram mesmo. E permitem refletir um pouco sobre a realidade que vou encontrando”. A linguagem utilizada é o português de Cabo Verde. Entendível, porém.

I
Encosta riba, lá onde a extensa achada começa a definir-se num primeiro patamar, já se podem encontrar as galinhas mais atrevidas. Galinhas do mato lhe chamam. São aves de penas acinzentadas e camufladoras, maiores que as galinhas de terra, mais pernalongas, pescoço alongado, cabeça dir-se-ia negra. O corpo fusiforme e as asas anchas, a conferir maior sustentação ao voo, distinguem-nas das primas galináceas pica-no-chão tanto no porte como na capacidade de se elevarem aos céus e planar por longas distâncias. Raro se descobrem isoladas. Preferem a proteção do bando, por vezes de seis, oito exemplares, debicando parcas sementes e bichezas. Ao rés dos trilhos facilmente se depara algum casal acompanhado de franganotes, já desenvolvidos em tempos de Maio e de perdição: em mês de festas que atiram por Junho adentro, ornam-se cobiçada iguaria para palatos exigentes. Então a caça redobra. Galinhas do mato, assim as designam. Também galinhas de Angola ou galinhas da Guiné são nomes useiros, com razão da origem. Porque não são autóctones. Salvo a halcion (vulgo, passarinha), nada em Cabo Verde é autóctone: tudo veio com o povoamento que, a partir do décimo quinto século, animou estas ilhas até então desertas de animais, homem incluso. Ao contrário de moscas e mosquitos, gafanhotos, tchotas, corvos, cagarras, fragatas e alcatrazes, as galinhas não terão arribado por motu próprio ou arrastadas pela fatalidade dos ventos. Seriam mãos humanas que alguma vez as trouxeram. Depois multiplicaram-se.

No caminho para Salineiro, mal a achada, numa primeira dobra, alteia a uns quinhentos metros sobre o mar, lobrigam-se as galinhas do mato no refúgio de acácias e babosas, nome que tomam ali, acinzentadas e curtas. E à medida que o viajante investe para lá de Salineiro, no rumo de Santana, a cada passo se avistam mais e mais, aqui disfarçadas na morabeza das purgueiras, além de Lapa Catchor e já no ramal para João Varela não menos. Se se marcha pelo canyon de São João Baptista com destino a Belém, mais do mesmo. Ou pelo de Alfarroba. Ou subindo para Mosquito Horta. Por toda parte, elas se conjugam com o estoiro de caçadoras de chumbo e bacamartes e fazem abundância no território da Ribeira Grande de Santiago.

Adaptaram-se ao sequeiro, à atmosfera sufocante de poeiras suspensas que cansa por estas extensões. Quais perdizes, adoptaram covas por ninhos onde largam os ovos e os incubam, aproveitando os segredos das achadas para industrializar os filhotes enquanto a penugem os cobre e lhes proíbe o voo. Aprendem então a escarafunchar. E crescem.

Cidade da Praia/Cabo Verde

DEU A LOUCA NO MUNDO por Ivan Jubert Guimarães

Este título não tem nada a ver com aquela grande comédia que passou nos cinemas no início dos anos 60, 1963 para ser mais preciso. Infelizmente! Talvez o título original do filme mostre mais claramente os dias de hoje, embora nada tenha de comédia: "It's a mad, mad, mad, mad world!".

O fato é que estamos vivendo em um mundo muito louco mesmo. Não bastasse analisarmos o panorama mundial, onde a ganância impera em todas as nações, onde os povos se matam para sobreviverem, onde as pessoas lutam para subirem de classes sociais, onde o consumismo tomou conta das pessoas e estas, de todas as idades, analisam você não mais pelo que você tem, mas pela modernidade do que você tem. Ser é um verbo que quando conjugado só o é na primeira pessoa do singular do indicativo, seguido de algum superlativo qualquer.

Não é necessário nem falarmos do consumo de drogas, acho até, que em quase todas as gerações das últimas décadas as drogas mudaram o comportamento das pessoas. Em minha juventude era o álcool ingerido principalmente nos bailes em salões ou nas residências. Era para dar coragem ou aquecer as turbinas antes de tirar aquela garota bonita para dançar. De vez em quando um ou outro amigo puxava uma carteira de cigarros para mostrar que era mais avançado. A propaganda foi se encarregando do resto e fomos acompanhando as ondas da revolução dos costumes.

Sexo sempre foi algo muito bom e eu me lembro de quando tentava entrar em um filme proibido, onde aparecia a nudez de uma mulher. Era coisa rara de se ver e, normalmente, era uma cena filmada à noite, em preto e branco, sem zoom na câmera e a mulher de costas entrando num lago qualquer. E quem não tinha ainda seus dezoito anos ficava circulando em volta da entrada do cinema criando coragem para comprar o ingresso e tentar burlar a esperteza do porteiro.

O que vemos hoje é muito diferente. As bancas de jornais vendem o sexo em revistas e filmes sem o menor discernimento. É pegar e pagar e sair tranquilamente. Bem diferente dos tempos em que se precisava de coragem, de reforço de amigos, para se comprar um "catecismo". E nem será preciso falar da televisão que a qualquer horário, principalmente nas tevês por assinatura, vemos diversos filmes de casais homossexuais de ambos os sexos, (dá para entender isso?) beijando-se e mantendo relações sexuais sem nenhum tipo de controle ou discrição. A imaginação ou a tara humana chegou a um ponto que não se tem mais controle de nada. E nossos filhos ficam expostos a isto durante todo o dia.

E hoje a gente lê nos jornais e nas revistas que a AIDS está fazendo bodas de prata. São 25 anos e 25 milhões de pessoas mortas; isto sem falar nos 40 milhões de infectados e que estão espalhados pelo mundo.

O que devemos esperar quando se lê em um site de saúde que o uso de calmantes em jovens aumentou de 201.000 em 1993 para 1.224.000 em 2002? (<http://boasaude.uol.com.br/news/index>.) São drogas antipsicóticas prescritas pelos médicos para distúrbios comportamentais destrutivos e do estado de humor. O estudo foi feito nos Estados Unidos, mas sabemos que aqui no Brasil a coisa caminha para o mesmo lado. Há cerca de dois anos, mais ou menos, a revista Veja também publicou uma pequena matéria sobre o uso de calmantes em crianças. Quantos de nós não temos em casa algum medicamento tarja preta ou daqueles outros cujas receitas ficam retiradas nas farmácias? O que estamos fazendo com nosso planeta e seus habitantes? Terá chegado de verdade o Apocalipse? Até quando iremos suportar ou as forças que regem o Universo suportarão nossas atitudes? Não basta estarmos destruindo o ecossistema, vamos agora destruir as mentes daqueles que podem consertar os nossos erros?

É ou não é um mundo louco, louco, louco, louco?

Ivan Jubert Guimarães

<http://www.pensamentoliberal.com.br/>

PERSONAGEM

Ivan Jubert Guimarães

No palco da vida, julguei que fosse mais importante,
Afim já desempenhei vários papéis diferentes;
Já fui esportista, executivo, empresário e galante,
Tímido, desempregado, rico, pobre e inadimplente.

Meu melhor papel foi o de romântico apaixonado,
Poucos na vida amaram tanto quanto eu amei.
Claro que já chorei por amores terminados,
E sempre me lembro dos lábios que já beijei.

Sei que a vida vive nos pregando peças
E que mesmo assim ela sempre foi boa,
E já sorri bastante, fui feliz à beça.

Não reclamo de minha vida, pois vivi o bastante,
Atuei com muita vontade e, se já não rio à toa,
É porque na novela da vida, tornei-me um figurante.

QUANDO PENSARES EM MIM

Ivan Jubert Guimarães

Amanhã, quando não mais eu estiver na Terra,
Não te entristeças com uma possível saudade.
Lembra-te que na vida nada se encerra,
E que estarei orando por ti lá da eternidade.

Se, por acaso, sentires vontade de conversar,
Falemos de coisas belas que juntos vivemos;
Vamos recordar do delicioso sabor do beijar,
Beijo de amor é eterno, nunca o esqueçemos.

Passamos pelo tempo com tanta rapidez,
Que, às vezes, nem nos entregamos ao amor;
E tem gente que nunca amou, nenhuma vez!

Mas tem amores que a gente nunca esquece;
Ao me despedir deste mundo não sintas dor,
Quando pensares em mim, faça uma prece!



Prêmio Nobel de Literatura 2012



Chinês Mo Yan vence o Prêmio Nobel de Literatura - 2012

A Real Academia de Ciências da Suécia acaba de anunciar o Prêmio Nobel de Literatura de 2012. É o escritor chinês Mo Yan, de 56 anos. Ele é considerado um mestre da literatura moderna chinesa. Nos seus livros, conta histórias sobre a China e o povo chinês.

O chinês acabou por reunir a preferência da academia sueca, numa lista onde constavam nomes como Philip Roth, Don DeLillo e o japonês Haruki Murakami, sendo este último apontado como o grande favorito para ser o laureado com o Nobel da Literatura.

O prêmio, segundo uma nota de imprensa da academia sueca, é atribuído a Mo Yan por ser um escritor que “une o conto tradicional, a história e a contemporaneidade a um ritmo alucinante”.

O escritor chinês nasceu em 1955, em Gaomi, no seio de uma família pobre camponesa, tendo abandonado os estudos na altura da Revolução Cultural chinesa para trabalhar numa fábrica. Mo Yan é o pseudónimo de Guan Moye. O autor tem a obra traduzida em países como a Espanha, França, Reino Unido e Estados Unidos. “Peito Grande, Ancas Largas” é o romance do escritor chinês que está traduzido para português.

Um dos seus romances mais conhecidos, “Red Sorghum”, deu origem a um filme realizado por Zhang Yimou. A película ganhou um Urso de Ouro na edição de 1998 do Festival de Berlim.

HISTÓRIA do PRÊMIO NOBEL por Carmo Vasconcelos



O Prêmio Nobel foi criado por Alfred Nobel, químico e industrial sueco, inventor da dinamite, no seu testamento. Os prémios são entregues anualmente, no dia 10 de Dezembro, aniversário da morte do seu criador, às pessoas que fizeram pesquisas importantes, criaram técnicas pioneiras ou deram contribuições destacadas à sociedade.

Alfred Nobel, que já vinha desgostoso com o uso militar dos explosivos que havia criado, ficou chocado ao ver a edição de um jornal francês, que noticiara por engano a morte de seu irmão Ludvig como sendo a sua e qualificando-o como "mercador da morte".

É possível que essa visão antecipada do seu obituário tenha despertado nele o desejo de modificá-lo. Daí sua decisão de premiar aqueles que, no futuro, servissem ao bem da Humanidade - mais propriamente nos campos da física, química, fisiologia ou medicina, literatura e paz. Não há nenhuma menção de um prêmio em economia.

Alfred Nobel deixou uma herança de 32 milhões de coroas. Seu testamento, redigido em 1895, determinava a criação de uma instituição à qual caberia recompensar, a cada ano, pessoas que prestaram grandes serviços à Humanidade, nos campos da paz ou da diplomacia, literatura, química, fisiologia ou medicina e física. O testamento estabelecia também que a nacionalidade das pessoas não seria considerada na atribuição do prêmio.

A Fundação Nobel foi criada em junho de 1900 e é responsável pelo controle do respeito às regras na designação dos laureados e verifica o bom andamento da eleição. Também é responsável, através de um comitê específico para cada uma das cinco áreas e de acordo com as propostas de personalidades eminentes, pela elaboração e encaminhamento das listas de indicações às várias instâncias que atribuem o prêmio.

Os prémios são custeados pelos rendimentos oriundos do legado de Alfred Nobel, recursos privados, e o prêmio de Economia é custeado pelo Banco Central com recursos públicos, de igual montante ao escolhido pela Fundação Nobel.

A primeira cerimónia de premiação nos campos da literatura, física, química e fisiologia/medicina ocorreu no Conservatório Real de Estocolmo, em 1901; o Prêmio Nobel da Paz foi entregue em Oslo.

Desde 1902, os prémios são formalmente entregues pelo Rei da Suécia. A entrega do Nobel da Paz continua a ser feita em Oslo, sendo presidida pelo Rei da Noruega.

O Rei Oscar II inicialmente não aprovou que os prémios fossem concedidos a estrangeiros, mas mudou de ideia depois de compreender o valor do prestígio que os prémios dariam ao seu país.

Os nomes dos laureados são anunciados em Outubro pelos diferentes comitês e instituições que realizam a escolha. A Fundação Nobel, entidade administradora dos fundos do prêmio, com sede em Estocolmo, não está envolvida na seleção dos vencedores.



O prémio consiste numa medalha de ouro com a efigie de Alfred Nobel, gravada com seu nome, um diploma com a citação da condecoração e uma soma em dinheiro que varia de acordo com os rendimentos da Fundação Nobel, mas que ronda os 10 milhões de coroas suecas (mais de um milhão de euros). O propósito original era permitir que as pessoas laureadas continuassem a trabalhar ou pesquisar, sem pressões financeiras.

Em mais de um século, o Nobel de literatura impôs-se como a mais prestigiosa das distinções literárias. Com 14 laureados, a França está à frente desde a criação do prémio. Sully-Prudhomme, aliás, foi o primeiro a obter o prémio, em 1901, seguido de Frédéric Mistral (1904), Romain Rolland (1915), Anatole France (1921), Roger Martin du Gard (1937). Henri Bergson foi um dos raros filósofos a ser coroado, em 1927. André Gide (1947), François Mauriac (1952), Albert Camus (1957), Saint-John Perse (1960), Claude Simon (1985), Gao Xingjian (2000) ou Jean-Marie Le Clézio (2008) também levaram até Estocolmo a grandeza da literatura francesa.

Ao lado dos franceses, temos entre os laureados outros ilustres escritores: os ingleses Rudyard Kipling (1907) e Winston Churchill (1953), os italianos Luigi Pirandello (1934) e Dario Fo (1929), o alemão Thomas Mann (1949) e os americanos William Faulkner

(1949), Ernest Hemingway (1954) ou John Steinbeck (1962), o chileno Pablo Neruda (1971) e o colombiano Gabriel García Márquez (1982). E muitos outros de várias nacionalidades.

Em 1998 o Prémio Nobel da Literatura coube ao escritor português, José Saramago.

A Academia Sueca é quem escolhe esse escritor e o anuncia no começo do mês de outubro de cada ano. Para muitos, é esse o maior e mais distinto prémio que um escritor ou uma escritora pode receber dentro do ramo da literatura.

O prémio é por vezes consensual e por vezes polémico, já que muitos consideram que tem ignorado autores mundialmente reconhecidos. Alguns especialistas assinalam que grandes autores clássicos do século XX não receberam o prémio. Segundo David Remnick, director da revista *The New Yorker*, escritores como Marcel Proust, James Joyce ou Vladimir Nabokov deveriam ter recebido a distinção. Críticos literários como Emmanuel Carballo e Sergio Nudelstejer juntam a esta lista os nomes de Franz Kafka ou Jorge Luis Borges. Adolfo Castañón inclui ainda Julio Cortázar e Juan Carlos Onetti. Kjell Espmark, membro da Academia Sueca, indica numa obra sua mais nomes omitidos, como Liev Tolstói, Émile Zola, Henrik Ibsen ou Paul Valéry, para mencionar apenas alguns.

Dois dos galardoados com o prémio recusaram-no: Boris Pasternak (1958), por forte pressão do governo soviético, e Jean-Paul Sartre (1964), que alegou que a sua aceitação implicaria perder a sua identidade de filósofo.

*Pesquisa e composição de Carmo Vasconcelos
(Directora Cultural da eisFluências)*

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sítio

<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org>

Nosso blogue

<http://eisfluencias.blogspot.pt/>

Facebook

<https://www.facebook.com/eisfluencias>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Carlos Lúcio Gontijo (Brasil)
Clóvis Campêlo (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)

Correspondentes

Amosse Mucavele (Moçambique)
António da Cunha Duarte Justo
(Alemanha)
María Cristina Garay Andrade
(Argentina)
Nuno Rebocho (Cabo Verde)
María Sánchez Fernández (Espanha)
Oleg Almeida (Bielorussia/Brasil)

"As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária. A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores".

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à directriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex

Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI Nº
10.994, DE 14 DE DEZEMBRO DE
2004
Biblioteca Nacional
Brasil

